

Manuel Jacinto Nunes

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

**EPISTEMOLOGIA
E METODOLOGIA ECONÓMICA**

Título: Epistemologia e Metodologia Económica
Autor: Manuel Jacinto Nunes
Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM
Revisão do texto: Paula Lobo
Tiragem: 800 exemplares
Data de impressão: Fevereiro de 2004
ISBN: 972-27-1299-3
Depósito legal: 206 722/04

Manuel Jacinto Nunes

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

PREFÁCIO

The trouble isn't what people don't know;
it's what they know that isn't so.

WILL ROGERS

Os economistas portugueses — e não só, mas em especial — preocupam-se pouco com os problemas da metodologia económica. Formados dentro de uma orientação, seguem-na, em geral, vida fora sem questionar os seus fundamentos. Estará aí uma causa da nossa pobreza no quadro da produção científica na Economia. Há uma excepção: os que, por motivos ideológicos, abandonaram a orientação económica, chamemos-lhe, ortodoxa e aderiram ao marxismo. Mas operada a mudança, a atitude é a mesma: rejeição da discussão dos pressupostos da nova via que perfilharam.

Há cerca de uma dezena de anos os livros de Skidelsky, O'Donnell e Carabelli sobre o pensamento de Keynes chegaram às nossas mãos e despertaram o nosso interesse para esta problemática, tão descurada entre nós.

A falta de interlocutores a nível nacional constitui uma limitação, hoje, em parte, superada pelos contactos internacionais com algumas personalidades relevantes neste domínio.

Duas anotações: há inúmeras citações na língua original — em geral o inglês —, especialmente em aspectos mais delicados, para com rigor expressar o pensamento dos autores. Tradutore-traditore, e além disso, como é natural, quem tem interesse por esta matéria sabe inglês.

Reunimos neste volume cinco ensaios sobre epistemologia e metodologia económicas. Três serviram de base a comunicações à Academia de Ciências

de Lisboa, um constituiu a lição que proferi aquando da minha jubilação em 1996 e outro foi escrito expressamente para este livro. Na ordem de apresentação dos trabalhos é este que figura em primeiro lugar e dá o título aos ensaios; os demais seguem a ordem cronológica da sua publicação.

Filósofo da ciência amador — explico esta circunstância em alguns dos ensaios, bem como as razões da orientação adoptada no primeiro ensaio —, os trabalhos enfeixarão certamente de deficiências e omissões. Se provocarem que alguém as corrija, sentirei que alcancei plenamente o meu objectivo: chamar a atenção dos estudiosos para uma temática que é de interesse fundamental — ainda que sem o reconhecimento merecido — para os economistas.

Novembro de 2002

I

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA

1. Bruce Caldwell ¹, um dos mais prestigiados metodologistas económicos da actualidade, pergunta no seu livro *Beyond Positivism* se a filosofia da ciência é um instrumento útil para a compreensão da metodologia económica.

A sua resposta é afirmativa, o problema está, segundo ele, em usá-la adequadamente, e a melhor salvaguarda do seu bom uso é conhecê-la devidamente. O seu livro é uma contribuição para esse fim.

No capítulo III referimos um diálogo entre o filósofo de Harvard Nozick e o Prémio Nobel da Economia Tobin, recentemente falecido, sobre o problema da relação entre os conhecimentos recíprocos de filosofia e economia de economistas e filósofos.

Hutchison (1997) escreve que, ao longo do século XX, não só se produziu uma perigosa deterioração ao nível dos conhecimentos filosóficos e metodológicos dos economistas, como, em certos sectores, se verifica indiferença ou mesmo uma pseudoprofissional negligência ou mesmo rejeição desses conhecimentos ².

2. Hausman (1992), professor da Universidade de Wisconsin-Madison, põe um outro problema. Para ele, a questão que se suscita há dois séculos é a de saber se a economia é uma ciência, e se ela for uma ciência se é uma ciência da espécie das ciências natu-

¹ Caldwell (1982, 1994) e Blaug (1980, 1992) são autores dos dois livros pioneiros da moderna metodologia económica. Caldwell (1993) organizou também uma monumental antologia, *The Philosophy and Methodology of Economics*, em três volumes, que reúnem, em 1421 páginas, 66 artigos que nunca tinham sido publicados em outras antologias até à data.

² Ao contrário do que sucede lá fora, nomeadamente nos países anglo-saxónicos, em especial no Reino Unido, não se verifica interesse dos nossos filósofos pela economia, em particular pela metodologia económica, não obstante os nossos apelos nesse sentido, que não têm tido grande sucesso.

rais ou se as ciências sociais podem ser uma espécie diferente das ciências naturais.

Rosenberg, que foi professor de Filosofia na Universidade da Califórnia Riverside e ensina actualmente na Universidade da Geórgia, escreve um artigo (1983), «If economics isn't a science, what is it?», onde aborda, de forma mais radical, o problema e no qual a sua conclusão é que a economia como a geometria é considerada de preferência um ramo da matemática, algures na intersecção entre os sistemas axiomáticos puros e os aplicados (p. 311), do que obviamente discordamos, como a maior parte dos que se dedicam à metodologia económica.

Rosenberg já antes, em 1976, tinha defendido esta tese num livro clássico, *Microeconomic Laws. A Philosophical Analysis*, e volta ao tema em 1985 e 1988, mas é em 1993 que publica um importante livro, *Economics: Mathematical Politics or Science of Diminishing Returns*, no qual considera que a história da economia não é uma história de sucesso, e aponta duas razões para tal: a falência da economia no domínio da previsão e a aparente imunidade das teorias económicas à evidência empírica. Num artigo de 1994, «What is the cognitive status of economic theory», vem de novo confirmar a sua tese³.

3. No livro *Philosophy of Social Science*, Rosenberg (1995) dirige mais a sua atenção ao problema, que considera fundamental, de saber se à economia interessa mais a explicação ou a previsão e

³ A propósito da dificuldade da economia de encontrar leis gerais do comportamento humano, Rosenberg vai, como já se referiu, assimilá-la à Geometria. Afirma que o estatuto científico desta é complicado e exemplifica: «Alguns, seguindo Platão, sustentam que ela é um corpo intuitivo de verdades abstractas. Outros, seguindo Mill, é um corpo de generalizações empíricas; outros, ainda, seguindo Kant, será um corpo de verdades sintéticas *a priori*.» Estabelece, depois, um paralelo com a teoria económica: alguns, como Robbins, vêem-na como um corpo platónico obviamente intuitivo; outros, seguindo Von Mises, entendem que é um corpo kantiano de verdades sintéticas *a priori* acerca da racionalidade; outros, como os geómetras convencionalistas, seguindo Hutchison, ridicularizam a teoria económica como um corpo de tautologias, um sistema puro de definições implícitas sem qualquer influência no mundo real; outros ainda, como Mill, defendem que é um corpo de idealizações de um esboço de regularidades empíricas. Finalmente, alguns, seguindo Friedman, tratam-na como um cálculo não interpretado, do mesmo modo que os positivistas trataram a geometria [(1994), p. 228].

aponta, uma vez mais, sérias limitações a esta. As suas ideias, mesmo a respeito da explicação, vêm de trás (1976, 1980) e foram objecto de severa crítica por Hausman (1989) ⁴ e ⁵.

Mäki (1996), num longo comentário a este livro de Rosenberg, sintetiza o seu raciocínio nos seguintes termos:

- (R₁) — a ciência é caracterizada pelo progresso previsivo.;
- (R₂) — a economia não satisfaz o critério (R₁);
- (R₃) — a razão de (R₂) é a dependência da economia da *folk psychology*;
- (R₄) — não sendo uma ciência empírica, a economia é uma forma de política matemática.

Mäki considera que nenhum dos quatro critérios de Rosenberg tem suporte apropriado.

(R₁) é ambíguo. O conceito de previsão não é definido com precisão. Não há qualquer esclarecimento do alcance do seu conceito de previsão ⁶.

Nestas condições, Mäki corrige o primeiro critério de Rosenberg, nos seguintes termos:

- (R*₁) — a ciência é caracterizada por um padrão de melhorias a longo prazo na proporção das previsões correctas e da sua precisão.

Mesmo nesta formulação corrigida, Mäki entende que Rosenberg a consideraria a opinião maioritária entre os economistas, mas que

⁴ Cf. Caldwell (1993), vol. III, pp. 460-480.

⁵ Rosenberg publicou recentemente (2000) um novo livro, *Darwinism in Philosophy, Social Science and Policy*, que é uma colectânea de ensaios publicados nos anos 90. Rosenberg afirma que a teoria darwinista é uma estrutura teórica, uma inspiração, uma metáfora e um modelo singularmente inapropriado à economia. Hodgson (2002), na apreciação do livro, resume a posição de Rosenberg nos seguintes termos: «Rosenberg, overall, is rather orthodox when it comes to economics, but rather unorthodox when it comes to philosophy of biology.» (P. 92.)

⁶ A ampliação da esfera de acção numa ciência é uma indicação do progresso na previsão. Não há uma distinção clara entre a proporção de acontecimentos importantes em que a previsão falhou e o conceito de previsão. Acresce, segundo Mäki, que o critério de cientificidade em Rosenberg é o *progresso* da previsão e não o *sucesso* da previsão.

nenhuma evidência a sustenta. Falta a Rosenberg uma perspectiva histórica da evolução da economia ⁷.

Quanto a (R_2), Mäki reformula-a nos seguintes termos:

(R^*_2) — a economia não satisfaz o critério (R_2) porque falhou em progredir das previsões genéricas para as previsões específicas.

Para Mäki, a noção de progresso de Rosenberg é limitada à espécie de progresso que Rosenberg considera e que é apenas uma das muitas espécies de progresso que podem existir na ciência ⁸.

(R_3) é a parte que Mäki reputa crucial e mais interessante do argumento de Rosenberg.

Rosenberg refere-se sempre à economia como prosseguindo previsões do comportamento individual. É uma constante dos seus trabalhos (recorde-se o título do seu primeiro livro, de 1976, sobre a matéria).

Mäki contrapõe-lhe os progressos da macroeconomia com os avanços na Contabilidade Nacional ⁹.

⁷ Se os que consideram a economia como uma «policy oriented engineering science», como os Prémios Nobel Friedman ou Klein, entendem que ela depende fortemente da sua capacidade de previsão, outros, como os Prémios Nobel Hayek ou Buchanan, não subscreveriam sequer a versão corrigida de Mäki (R^*_1). Este autor apresenta ainda uma série de outras razões contra (R^*_1), (pp. 6-8).

⁸ Segundo Mäki, a inteligibilidade e a aceitabilidade de (R^*_2) sofre duas espécies de omissões: uma empírica, outra conceitual. A empírica é a insuficiência da evidência apresentada. A conceitual resulta de uma análise dos conceitos relevantes da previsão e da lógica da previsão em economia. Além disso, Rosenberg parece considerar a distinção genérica/específica mais geral que a distinção qualitativa/quantitativa, o que é difícil de defender [Mäki (1996), pp. 10-13].

⁹ Dentro de uma perspectiva de individualismo metodológico, para Rosenberg, se as previsões individuais falham, que dizer das agregadas. Ora, como adiante se referirá, a fundamentação microeconómica da macroeconomia, embora com alguns progressos, está ainda longe de ser alcançada e são inúmeros os economistas a defender a autonomia do raciocínio agregativo, mesmo sem ser keynesiano [Mäki (1996), pp. 16-21]. No argumento de Rosenberg salienta-se, uma vez mais, o seu individualismo metodológico, que, a partir dos anos 90, não é aceite tanto pelos economistas teóricos como pelos economistas práticos que trabalham quer no sector público, quer no sector privado. Rosenberg fala ainda das deficiências da medida das condições iniciais ou limitativas nas quais uma teoria é aplicada e da necessidade de um acréscimo na precisão das pretensões

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| <i>Prefácio</i> | 7 |
| I — EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA | 9 |
| II — INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICAS CONTEMPORÂNEAS — O PÓS-POSITIVISMO | 65 |
| III — PLURALISMO METODOLÓGICO E PÓS-MODERNISMO NA ECONOMIA | 91 |
| IV — ULTRADEDUTIVISMO VS. ULTRA-EMPIRISMO NA ECONOMIA | 109 |
| V — TENDÊNCIAS ACTUAIS DA METODOLOGIA ECONÓMICA | 133 |
| Bibliografia utilizada e citada | 163 |

ESTUDOS GERAIS
Série Universitária

Últimas obras publicadas:

PENSAMENTO ATLÂNTICO
ESTUDOS E ENSAIOS DE PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO
Paulo A. E. Borges

A ARETÉ COMO POSSIBILIDADE EXTREMA DO HUMANO
FENOMENOLOGIA DA PRÁXIS EM PLATÃO E ARISTÓTELES
Antônio Caeiro

CONSCIÊNCIA E INTERSUBJECTIVIDADE EM JEAN NABERT
Maria de Lourdes Sirgado Ganho

ENSAIO SOBRE A SEXUALIDADE E OUTROS ESTUDOS
Eduardo Abranches de Soveral

DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO
ENSAIO ANTROPOLÓGICO A PARTIR
DA POESIA DE FÉLIX CUCURULL
Antônio de Macedo

INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA
CONHECIMENTO, VERDADE E HISTÓRIA
José Luís Brandão da Luz

ESTUDOS FILOSÓFICOS
Alexandre F. Morujão
Organização e prefácio de Carlos Morujão
Vol. I

DIALÉCTICA DAS CONSCIÊNCIAS E OUTROS ENSAIOS
Vicente Ferreira da Silva
Prefácio de Antônio Braz Teixeira

HORIZONTE E COMPLEMENTARIDADE
SEMPRE O MESMO ACERCA DO MESMO
Eudoro de Sousa
Prefácio de Fernando Bastos

A TEOGONIA DE FERÉCIDES DE SIRO
Fernando Bastos

NOVOS ESTUDOS HUMEANOS
João Paulo Monteiro

TEORIA TRIDIMENSIONAL DO DIREITO
TEORIA DA JUSTIÇA
FONTES E MODELOS DO DIREITO
Miguel Reale

LINGUAGEM E DISCURSO
UMA HIPÓTESE HERMENÊUTICA SOBRE A FILOSOFIA DE ERIC WEIL
Luís Manuel A. V. Bernardo

ESTUDOS DE METAFÍSICA E ONTOLOGIA
PERSPECTIVAS DE UM HORIZONTE FILOSÓFICO
José Bacelar e Oliveira
Prefácio de Lúcio Craveiro da Silva

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA
DA FILOSOFIA DO DIREITO EM PORTUGAL
Luís Cabral de Moncada
Apresentação de António Braz Teixeira

DIONISO EM CRETA E OUTROS ENSAIOS
Eudoro de Sousa
Introdução de António Telmo

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA ECONÓMICA
Manuel Jacinto Nunes